

“

Conhecimento popular sobre plantas cultivadas em quintais: um estudo etnobotânico e bens comuns dos agricultores, povos e comunidades tradicionais

- I Juziele de Souza **Barbosa**
INPA
- I Francisca Luciana Peres de **Castro**
INPA
- I Valdely Ferreira **Kinupp**
INPA
- I Francisco Pereira de **Brito Júnior**
INPA

RESUMO

A Etnobotânica utiliza uma visão interdisciplinar relacionando o mundo material, o simbólico e social, por meio de diferentes relações do homem com o meio. O presente estudo objetivou fazer uma pesquisa Etnobotânica na comunidade Cristo Rei, no bairro do Tarumã, em Manaus, Amazonas. O trabalho foi realizado de abril a maio de 2013. Foram entrevistadas sete famílias da comunidade, representando cerca de 10% da população, o maior número de entrevistados foram mulheres, sendo elas as maiores detentoras do conhecimento sobre os usos das plantas da comunidade, e as responsáveis pela conservação das espécies nos quintais, como também pelas preparações dos medicamentos naturais. Apenas um homem foi entrevistado. Ao total foram citadas 27 espécies, distribuídas em gêneros, totalizando 19 famílias botânicas. As famílias mais citadas foram: Lamiaceae, Euphorbiaceae e Asteraceae. Barbosa (2004) relata a predominância dessas famílias botânicas em um trabalho realizado em Uberlândia sobre plantas medicinais em quintais. As espécies mais citadas foram: begônia - planta ornamental, e hortelã espécie medicinal (*Mentha arvensis* L.), além da frutífera graviola (*Annona muricata* L.). Os resultados obtidos mostram que a Etnobotânica é uma importante ferramenta para resgatar e sistematizar o conhecimento tradicional contribuindo para minimizar a perda do conhecimento e manter a conservação no uso sustentável das espécies de plantas cultivadas e utilizadas pelas comunidades tradicionais. Portanto, todo este conhecimento pode se perder por falta de mais pesquisas de campo em Etnobotânica na área de estudo.

Palavras-chave: Culturas, Espécies, Agricultura, Etnobotânica.

INTRODUÇÃO

Manaus é a capital do Estado do Amazonas em plena expansão, em crescimento desordenado pela aparição de novos bairros e comunidades, que em sua maioria são habitados por moradores oriundos do interior do Estado, que trazem em suas bagagens um conhecimento Etnobotânico valioso.

Segundo Albuquerque e Andrade (2002) uma vez que o conhecimento popular é perdido, torna-se irrecuperável. Assim, o “Saber Local”, contextualizado cultural e ambientalmente, está cada vez mais chamando a atenção de pesquisadores de distintas áreas (AMOROZO, 2002). Tendo em vista a importância desses conhecimentos, este estudo tem como finalidade pesquisar as plantas cultivadas em quintais e sua utilização na comunidade Cristo Rei no bairro do Tarumã, na Zona Oeste de Manaus.

A relação homem-natureza é muito complexa e ao longo dos tempos foi se alternando entre dominar e proteger a natureza. Além disso, existe um olhar diferenciado sobre tal relação de acordo com as diferentes culturas e grupos (AMOROZO, 2007).

O conhecimento Etnobotânico é uma poderosa ferramenta e quando este é encontrado em áreas urbanas é ainda mais fascinante, pois ainda que sufocado pela globalização, continua vivo em alguns grupos na da sociedade.

OBJETIVO

Realizar um estudo Etnobotânico sobre o conhecimento popular das plantas cultivadas em quintais na Comunidade Cristo Rei, Tarumã, Manaus - AM.

MÉTODOS

Área de estudo

Este trabalho foi realizado em uma comunidade rural do Estado do Amazonas 2°59'37.1”S 60°04'22.3”W, Brasil. Essa comunidade é ligada ao grande centro urbano, seu acesso ocorre pelas estradas e vias fluviais. A comunidade Cristo Rei está localizada no bairro Tarumã, na zona oeste de Manaus, possui uma associação de aproximadamente 70 famílias, com terrenos de solo extremamente arenoso e suas ruas possuem pouca infraestrutura. O bairro possui também vivendas, chácaras e balneários, por isto é considerada uma área nobre de Manaus, onde até pouco tempo era zona rural da capital.

A comunidade depende de bens e produtos adquiridos dos centros urbanos, entretanto, muitos dos moradores, principalmente os homens mais velhos pescam próximas às margens

do rio Tarumã Açu. Às proximidades da comunidade ocorre uma grande devastação ambiental, para dar lugar aos grandes empreendimentos imobiliários, gerando a desagregação social, cultural e principalmente ambiental (BOSCOLO, 2011).

Trabalho de Campo

Utilizou-se a abordagem da Observação Direta, possibilitando maior contato com a comunidade por meio da observação e de registro observados durante o campo com os informantes. Os encontros foram registrados em um diário de campo, fotos digitais, além da coleta botânica (BOSCOLO, 2011).

Coletas e análises de dados

Os dados foram coletados de abril a maio de 2013, com visitas semanais. Duas visitas por famílias. Na primeira visita foi apresentado o objetivo da pesquisa aos moradores da comunidade para obtenção do consentimento e assinaturas dos informantes.

As entrevistas foram semiestruturadas em formulários, utilizando o método bola de neve de Bernard (1995). Além dos questionários conversas informais fizeram parte do cotidiano, deixando sempre o entrevistado tomar a direção da conversa, entretanto eles faziam sempre questão de contar uma história.

A escolha dos quintais teve como base maior quantidade de plantas cultivadas e manejadas, mediante a indicação dos entrevistados.

Sete famílias da comunidade foram entrevistadas, uma pessoa de cada família foi convidada a participar da pesquisa. A pesquisa foi realizada com sete participantes, sendo seis mulheres e um homem.

Mediante as informações concedidas sobre as plantas utilizadas, essas eram coletadas para identificação e incorporação ao Herbário (EAFM) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Campus Manaus Zona Leste.

As coletas botânicas foram comparadas com as exsicatas depositadas no Herbário, auxiliando nas identificações das espécies por meio da comparação com as espécies já catalogadas, como também as consultas nas literaturas e a um especialista. As espécies foram catalogadas em três principais usos: medicinais, ornamentais e frutíferas.

RESULTADOS

O perfil dos informantes

A faixa etária foi equilibrada entre adultos e idosos com idades entre 23, 50 e 60 anos. Do total dos entrevistados 90% eram mulheres.

Durante a pesquisa foi observado que as mulheres mais jovens pouco cultivavam e quando cultivavam eram apenas plantas ornamentais, e não possuíam conhecimento botânico ou Etnobotânico, causando preocupação nas mulheres mais velhas. As mulheres cultivam plantas ornamentais, medicinais e frutíferas.

Todos os participantes afirmaram utilizar os quintais como benefício para o cultivo das plantas, além de alegarem gosto por elas, sendo uma atividade prazerosa.

A sociedade humana possui estrutura própria, como o tipo de sexo, idade, e grau de parentesco (VIERTLER, 2002). O nível de conhecimento é variável, entretanto segundo Albuquerque; Lucena (2004), o lar, os arredores e quintais, nas sociedades indígenas e camponesas, as mulheres são as principais representantes.

A maioria dos informantes eram pessoas idosas, nas quais apresentavam maior conhecimento botânico e Etnobotânico do uso, partes usadas e sua indicação.

Como mencionado, os grupos detêm determinado conhecimento (ALBUQUERQUE; LUCENA, 2004). De acordo com Garrote (2004), os mais antigos detêm maior conhecimento e informações sobre uso da terra e seu sustento.

De onde vem o conhecimento e o gosto pelas plantas

Sobre o conhecimento Etnobotânico, gostar de cultivar e manejar as plantas, 96% dos entrevistados disseram que aprenderam sobre os usos das plantas com os avós, 3% com os pais e 1% com terceiros mediante a necessidade. Dos 100% dos entrevistados, somente 40% afirmam ter um bom conhecimento do uso das plantas. Os avós foram os que mais influenciaram no conhecimento dos informantes. Todos afirmaram que quando chegaram aos terrenos não havia nenhuma plantação convencional no local somente capim.

Predominância vegetal

Foram citadas 16 espécies de plantas medicinais (Quadro1), e 11 espécies de plantas ornamentais. As ornamentais eram as mais cultivadas nos quintais, todavia em menor diversidade. Em todos os quintais havia espécies frutíferas, baixa diversidade quando comparados com as espécies medicinais e ornamentais. Com duplo uso, as espécies frutíferas

além de servirem de alimentos também eram utilizadas como remédio, por esse motivo estão inseridas com as medicinais (Quadro 1).

Em todos os quintais foram identificadas plantas ornamentais, medicinais e frutíferas, um total de 27 espécies. As famílias botânicas totalizaram 18, com predominância da família Lamiaceae e Euphorbiaceae. Barbosa 2004 relata a predominância dessas famílias em uma pesquisa realizada em Uberlândia sobre plantas medicinais em quintais, além da família Asteraceae.

Do total de informantes, 80% cultivavam *Plectranthus amboinicus* (Lour.), *Melissa officinalis* L. e *Ocimum gratissimum* L. Em relação à parte usada, a maioria dos entrevistados fazia uso das folhas em forma de chá para combater dores e inflamações.

Quadro 1. Espécies medicinais identificadas e seus respectivos usos em quintais da Comunidade Cristo Rei, Manaus, AM, 2013.

Espécie	Família botânica	Nome popular	Parte usada	Usos
1- <i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae	Cajueiro	Casca	Inflamação e ferida/alimento
2- <i>Arrebutidaea chica</i> Verlot.	Bignoniaceae	Crajirú	Folhas	Inflamação
3- <i>Jatropha curcas</i> L.	Euphorbiaceae	Pião-branco	Látex	Feridas
4- <i>Piper callosum</i> Ruiz & Pav.	Piperaceae	Elixir-paregórico	Folhas	Febre e dor de estômago
5- <i>Ocimum gratissimum</i> L.	Lamiaceae	Alfavaca	Folhas	Banhos/inflamação/ condimento
6- <i>Oxalis corniculata</i> L.	Oxalidaceae	Trevo-roxo	Folhas	Dor nos ouvidos
7- <i>Sambucus nigra</i> L.	Caprifoliaceae	Sabugueiro	Folhas	Sarampo
8- <i>Syzygium cumini</i> L.	Myrtaceae	Azeitona-preta	Casca	Infecção/alimento
9- <i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	Manga-espada	Casca	Inflamação
10- <i>Citrus limon</i> L.	Rutaceae	Limão-comum	Colha	Calmante
11- <i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Fabaceae	Jucá	Vagem (fruto)	Sinusite
12- <i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.)	Lamiaceae	Malvarisco	Folha	Tosse
13- <i>Croton cajucara</i> Benth.	Euphorbiaceae	Sacaca	Folhas	Dor de barriga, febre, malária
14- <i>Melissa officinalis</i> L.	Lamiaceae	Erva-cidreira	Folhas	Calmante/ alimento
15- <i>Mentha arvensis</i> L.	Lamiaceae	Hortelã	Folhas	Cólicas
16- <i>Annona muricata</i> L.	Annonaceae	Graviola	Folhas	Inflamação

Quadro 2. Espécies ornamentais identificadas em quintais da Comunidade Cristo Rei, Manaus, AM, 2013.

Espécie	Família botânica	Nome popular
1- <i>Begonia</i> L. Sp	Begoniaceae	Begônia
2- <i>Polypodium phyllitidis</i> L.	Polypodiaceae	Erva trepadeira / ninho de passarinho
3- <i>Oxalis regnellii atropurpurea</i>	Oxalidaceae	Trevo roxo
4- <i>Codiaeum variegatum</i> L.	Euphorbiaceae	Cróton
5- <i>Costus spiralis</i> . (Jacq.)	Zingiberaceae	Pobre velho
6- <i>Cordyline fruticosa</i> (L.)	Asparagaceae	Capa rosa
7- <i>Dracaena godseffiana</i> Hort. Arb.	Ruscaceae	Irapurú de costureira
8- <i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Malvaceae	Papola
10- <i>Ixora coccinea</i> Linn.	Rubeaceae	Ixoria
11- <i>Allamanda branchetti</i>	Apocynaceae	Alamanda roxa

DISCUSSÃO

Os quintais são importantes cenários para manutenção e conservação das espécies úteis.

O uso e predominância das famílias botânicas Lamiaceae e Euphobeaceae, identificadas na Comunidade Cristo, também foram observadas no trabalho de Barbosa (2004). Analisando outros trabalhos Etnobotânicos, percebe-se que as mulheres correspondem a maior parte dos informantes (CUNHA; BORTOLOTTI, 2011; SILVA *et al.*, 2015).

O cultivo de *Plectranthus amboinicus* (Lour.), *Melissa officinalis* L. e *Ocimum gratissimum* L. foram encontrados em 80% dos quintais. *Plectranthus amboinicus* (Lour.), é utilizado na comunidade como remédios para tratar tosse, gripe e resfriado. Já a *Melissa officinalis* L., além de ser utilizada como calmante, é usada como bebida quente, ou ter mesmo como auxiliar alimentar, ingerido com pão ou farinha de mandioca na ausência de alimento. Seu uso também foi citado como substituto do leite para os bebês quando famílias apresentam vulnerabilidades financeiras. Além dessa importância exercida nos quintais Amazônicos, à erva-cidreira ao ser amassada liberar o odor, diminuindo assim o enjoou causado pelas longas viagem de ônibus, o chá também é usado para diminuir esses sintomas.

O *Ocimum gratissimum* L. tem papel importante nos quintais, é usado como chá para combater à inflamação, e utilizada como parte dos temperos Amazônicos em sua alimentação a base de peixes, e adicionado aos tucupis, um molho extraído das mandiocas bravas, que após passar pelo processo de fermentação é fervido e temperado com bastante pimenta. Isso mostra o bom aproveitamento por essa comunidade, diminuindo os gastos econômicos com temperos, sendo considerada uma alternativa para o preparo de sua alimentação, pois se trata de uma hortaliça não convencionada (KINUPP, 2007).

Tal resultando remente os critérios que os grupos adotam para consagrar os usos e recursos da natureza. Cada sociedade humana adota critérios únicos que permitem consagrar a forma pela qual os recursos podem ser aproveitados (MÓRAN, 1990).

Ao serem questionados sobre o uso e o repasse de seus conhecimentos, todos os entrevistados demonstraram preocupação e tristeza, mas demonstraram está à disposição em repassar seus conhecimentos, entretanto todos afirmaram falta de interesse dos grupos mais jovens. Isso pode caracterizar a perda destes valiosos conhecimentos tradicionais que eram passados de geração em geração, o avanço da cidade e as novas tecnologias podem ter influenciado a falta de interesse nos étnicos conhecimentos.

Um dos maiores pensadores da África do século 20, etnólogo e filósofo exprime: “Quando morre um africano idoso, é como que se queimasse uma biblioteca”. (Hampâté Bâ, do Mali, 1900, *apud* FARAH, set. 2003, Folha de São Paulo-tradução nossa).

Esta exteriorização revela o valor do idoso na sociedade, sendo eles portadores de um grande conhecimento adquiridos ao longo dos anos transmitidos por seus antepassados nas sociedades tradicionais, sendo eles os principais agentes do conhecimento tradicional.

A proximidade da comunidade com o centro urbano de Manaus tem criado um ambiente de conflito de interesses entre os grupos. A comunidade é formada em sua maioria por familiares oriundos dos municípios do interior do Estado, com origem na agricultura e trabalhos domésticos. Os mais jovens não possuem essa percepção do valor e importância do conhecimento tradicional do uso das plantas, não as vêem como uma herança cultural, muito menos pessoal.

A sobreposição da modernidade, o repasse cultural da globalização, e os diferentes interesses criados pela juventude moderna constituem um desafio ao surgimento de interesse pelo etnoconhecimento, entretanto a Etnobotânica pode ser um viés que por meio do resgate do conhecimento Etnobotânico servirá como uma ponte do conhecimento entre o mundo moderno e tradicional do uso das plantas, que buscou o conhecimento na fonte do conhecimento, os idosos.

A questão é: como desenvolver atividades modelos em que a inserção dos povos locais não implique em um viver novo, com a absorção integral do mundo ao redor deixando seus aprendizados culturais de lado? Que possa se dar em bases mais equitativas e sustentáveis? Gerar alternativas econômicas sustentáveis para essas comunidades, de modo que supra as suas necessidades de acesso a bens e produtos externos, é um desafio posto às próprias comunidades, às organizações da sociedade civil, às empresas com responsabilidades socioambientais e ao Poder Público (SANTILLI, 2006).

A inserção da realidade moderna nesse mundo rural gera diversos problemas. As lavouras geram renda insuficiente para o sustento familiar, pois os terrenos são bem menores, os homens do campo vendem suas terras no interior e constroem casas na cidade, sem ter a preocupação do que vão passar e como irão viver.

Com pouco estudo ou quase nada de escolaridade, pagando água, luz e comida, sentindo na realidade que o êxodo rural não foi um bom negócio, contrastando com o afluxo de turistas e pessoas que decidem morar e conhecer como é a vida na zona rural (BOSCOLO, 2011).

A comunidade analisada nesse ensaio depende na sua maioria, de benefícios sociais e trabalhos domésticos com apenas um integrante da família trabalhando na formalidade. Os mais novos estão preferindo não trabalhar na terra, devido à falta de perspectivas locais, o que se agrava ainda pelo fato de a comunidade só possuir escolas até o ensino fundamental, então são obrigados a dar continuidade a seus estudos em outras localidades.

Consideramos o potencial da Etnobotânica em propiciar maior entrosamento entre os atores das comunidades locais, elevação da autoestima dos participantes da comunidade, favorecimento da erradicação de êxodo rural, aumento da visibilidade de entes da comunidade local, melhoria de processos de produção ou de prestação de serviços. Se o desafio do momento é incluir o ser humano no processo de conservação da natureza, como cortar suas raízes prejudicando as gerações futuras, sem conhecimentos étnicos ou não, e sem a valorização dos saberes é vendado pelo esquecimento da tradição que curou e livrou de males muitas gerações, fica configurada a necessidade do desenvolvimento de instrumentos que possibilitem essa inclusão da modernidade sem exclusão dos saberes.

CONCLUSÃO / CONSIDERAÇÕES FINAIS

A maioria dos entrevistados são detentores de um conhecimento sobre o uso das espécies vegetais mantidas e, ou cultivadas em seus quintais e sua relação com as plantas estão além do uso, mas também uma atitude de respeito pelo meio ambiente, porém observou-se que esse conhecimento pode ser perdido, pelo fato de que os detentores do conhecimento são idosos, enquanto os informantes mais jovens, poucos sabem sobre as plantas e seus usos ou tão pouco as cultivam.

Nossos agradecimentos à Comunidade Cristo Rei por nos abrir a porta de suas casas e compartilhar seus conhecimentos; aos participantes da pesquisa de campo e demais envolvidos; e ao Herbário EAFM, por armazenar as amostras e ajudar na identificação das espécies sempre que possível.

■ REFERÊNCIAS

1. ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; ANDRADE, Laise de Holanda Cavalcanti. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Bot.** Brasília, v.16, no.3, p.273-285, jul./set. 2002.
2. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. 2002. **NBR 6023**: informação e documentação – referências – elaboração. Rio de Janeiro. 24 p.
3. ALBUQUERQUE, Ulysses Paulino; LUCENA, Reinaldo Farias Paiva (Org.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. Recife: Livro Rápido/NUPEEA, 2004. 189p.
4. AMOROZO, Maria Cristina de Melo. A perspectiva etnobotânica e a conservação de biodiversidade. **In: Congresso da Sociedade Botânica de São Paulo**, XIV, Rio Claro: UNESP, 2002. 2p. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702009000100014>

5. BOSCOLO, Odara. H. **Estudos Etnobotânicos na Comunidades de Galdinópolis e Rio Bonito**. 2011 Nova Friburgo, RJ. 2011. Tese (Doutorado em Botânica) – Programa de Pós-Graduação em Botânica, Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011. Acesso em: 17 dez. 2020. <https://doi.org/10.20435/interações.v16i1.51>
6. BERNARD, Harvey Russell. **Research Methods in Antropology. Qualitative and Quantitative Approachs**. 1995. 2nd ed. Walnut Creek, Altamira Press. ISBN 0-7591-0868-4
7. BARBOSA, J. M. **Análise etnobotânica de plantas medicinais em comunidades do município de Uberlândia**, MG. 2004. Monografia (Bacharelado em Ciências Biológicas). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004. 35p. <http://www.anppas.org.br/encontro4/cd/ARQUIVOS/GT3-806-504-20080510195009.pdf>
8. CUNHA, Simone Alves; BORTOLOTO, Ieda Maria. 2011. **Etnobotânica de Plantas Medicinais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul**, Brasil. Acta Botanica Brasilica, v.25, n.3, p.685-698. <https://doi.org/10.1590/S0102-33062011000300022>.
9. **FOLHA DE SÃO PAULO. Hampâté Bâ leva oralidade africana ao papel**. São Paulo terça-feira, 16 de setembro de 2003. Especial Paulo Daniel Farah. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq1609200312.htm>. Acessado em: 17 de dez.2020.
10. KINUPP, Valdely Ferreira. **Plantas Alimentícias Não-Convencionais da Região Metropolitana de Porto Alegre, RS**. 2007. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. 562 p. Tese - (Doutorado em Fitotecnia). Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/tran-dle/10183/12810>. Acesso em 16 de dez. 2020.
11. SILVA, M. D. P.; MARINI, F. S.; MELO, R. S. 2015. **Levantamento de plantas medicinais cultivadas no município de Solânea, agreste paraibano: reconhecimento e valorização do saber tradicional**. Revista Brasileira de Plantas Medicinais, v.17, n.4, supl. II, p.881-890. https://doi.org/10.1590/1983-084X/14_112.
12. SANTILLI, Juliana. **Os “novos” direitos socioambientais**. 2006. Revista Direito e Justiça - Reflexões Sociojurídicas, Santo Ângelo, RS, n. 9, p. 6-18.
13. VIERTLER, Renate Brigitte. 2002. **Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em etnobiologia e etnoecologia**. In: AMOROZO, Maria Cristina de Melo; MING, Lin Chau; SILVA, Sandra Pereira. (Ed.). **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**. Rio Claro: Unesp. p. 31-46.